

# PRINCÍPIOS BÍBLICOS DE REUNIÃO

**Alfred P. Gibbs**

À medida que os anos passam e o Senhor chama ao Seu lar celestial aqueles que foram usados para revelar os ensinamentos essenciais da Palavra de Deus quanto à verdade do Evangelho e à ordem bíblica da assembleia, e à medida que uma nova geração de crentes cresce, muitos dos quais filhos do povo de Deus que entram nas assembleias sob circunstâncias bem diferentes das que os seus pais tinham quando entraram, é muito necessário que os princípios fundamentais que dizem respeito à comunhão dos crentes, conforme ensinam as Escrituras, sejam apresentados de novo para sua ajuda e orientação.

Isso também pode servir para esclarecer outras pessoas que podem estar a viver a desordem, a confusão e a apostasia da cristandade, pois estas características são encontradas nas organizações religiosas existentes.

Nas páginas seguintes, este duplo serviço é apresentado de forma valiosa.

O leitor verá que este tratado apresenta em linguagem simples uma declaração clara, concisa e precisa do ensino das Escrituras quanto à maneira como o povo de Deus se deve reunir, e, neste contexto, a ordem estabelecida para a recepção à comunhão, para a adoração e para o ministério. Ao fazer isso, o autor também deixa claras as razões para que haja separação clara das seitas não-bíblicas e das denominações da Cristandade. Tal separação é de facto necessária para que a vontade de Deus para o Seu povo possa ser levada a cabo - algo que não é possível nos sistemas religiosos que têm nomes inventados por homens, [...] e, como seria de esperar em tais circunstâncias, abrigando propagadores ativos de doutrinas erradas que atacam os fundamentos do Cristianismo, e visam a destruição da fé uma vez dada aos santos (Judas 3:4).

Que todos nós que conhecemos a liberdade espiritual, o esmero pela piedade e a solidez da doutrina encontrada nas assembleias do povo de Deus que se congregam conforme é descrito neste tratado, sejamos estimulados a uma apreciação mais plena da associação que formamos; e, simultaneamente com o aumento da pregação do Evangelho para que se salvem almas preciosas, procuremos ajudar os nossos irmãos com défice nestas verdades e libertá-los a fim de poderem usufruir e gozar dos mesmos privilégios.

John Bloore  
Plainfield, N. J., February, 1935.

## Prefácio do Autor a Novas Edições

A recepção simpaticamente dada às edições anteriores deste tratado, que tiveram uma ampla circulação neste país (EUA) e em outras terras de língua inglesa, tem sido um incentivo para republicar esta edição revisada com uma letra maior.

Tem sido uma enorme alegria ouvir de muitos, que eles têm visto estas verdades e as têm praticado através da leitura deste tratado. Que o grande Cabeça da Igreja abençoe a exposição simples destes "Princípios Bíblicos de Reunião!"

APG.

# Princípios Bíblicos de Reunião

## INTRODUÇÃO

Este assunto foi escolhido com o propósito de ajudar os jovens crentes das várias assembleias do povo de Deus a terem um melhor entendimento da verdade acerca da assembleia, ou igreja. Por “verdade sobre a assembleia” queremos dizer, em primeiro lugar, o mandado bíblico para o modo de reunião ou congregação dos crentes; em segundo lugar, a posição do Cristão nessa reunião; e em terceiro lugar, os privilégios e responsabilidades de o crente estar biblicamente reunido.

A palavra de Deus, ordena assim aos crentes: "... santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração; e estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir **a razão da esperança que há em vós**" (1 Pedro 3:15). Supondo que esta questão que forma o nosso tópico fosse colocada a cada irmão que habitualmente se reúne connosco, qual seria a sua resposta à questão: "Por que se reúne com os crentes dessa forma?" Quantos poderiam apresentar uma razão bíblica para se reunirem do modo como se reúnem com os seus irmãos? É de temer que muitos jovens crentes, e também mais velhos, que poderiam apresentar uma boa razão bíblica para a sua certeza de salvação eterna, não consigam mostrar uma razão semelhante que justifique a forma como se reúnem como assembleia. Certamente que uma deve ser tão necessária quanto a outra. Aquele que nos assegurou a nossa salvação pela Sua Palavra, não nos deixou dúvidas, pela mesma Palavra, quanto a como e com quem nos devemos reunir em comunhão de igreja.

Tem sido sentido por muitos que o ensino ao longo desta linha tem sido um tanto negligenciado ultimamente, com o resultado de que temos um grande número de jovens crentes nas nossas assembleias que não sabem *porque razão* estão *onde* estão. Eles têm pouca ou nenhuma convicção firme quanto aos princípios Divinos de reunião e, em muitos casos, andam à deriva, de um lado para o outro, à mercê de caprichos dos homens. Ao contrário de outros crentes do passado, eles parecem não saber quem são realmente “os seus” (Atos 4:23). Por outro lado, em alguns quadrantes, esta linha de ministério tem sido tão *extremamente* enfatizada, tem sido tão *exclusivista*, que há quem tenha chegado ao ponto de excluir todos os demais, fomentando um espírito de sectarismo, o qual, não será necessário dizer, é igualmente deplorável.

A primeira pergunta que surge naturalmente após a pessoa ser salva é: “Para onde me devo dirigir e com quem me devo reunir para usufruir de comunhão na igreja?” Haverá muitas vozes a dar conselhos. Alguns irão responder: "Vai onde podes obter alimento espiritual, independentemente do nome com que se denominam." Outros irão dizer: "Vai para aqueles com quem te vais sentir mais aconchegado socialmente, onde há muitos jovens e muita atividade". Outros ainda responderão: “Une-te à igreja da tua preferência e deixa-te conduzir pelos teus próprios gostos e instintos.” O crente sincero, no entanto, não se deixará influenciar por nenhum destes conselhos, mas raciocinará corretamente. Pensará assim: “Aquele que me salvou pela Sua graça e me assegurou a bem-aventurança eterna pela Sua palavra, não me terá dado nenhuma orientação, pela mesma Palavra, sobre como e com quem eu me devo reunir?” E começará a examinar as Escrituras para descobrir o que Deus tem a dizer sobre este assunto tão importante. Todo o crente nascido de novo deve ter a responsabilidade solene de estudar arduamente a Palavra de Deus *por si mesmo*, de modo a ter, com base nela, a certeza absoluta de que está entre aqueles com quem o Senhor quer que ele esteja.

Isto introduz o tema **“Princípios Bíblicos de Reunião”**. Visto que usaremos esta expressão com bastante frequência durante este tratado, vamos definir o seu significado.

Pela palavra *"Princípios"*, queremos dizer aquilo que é inerente a algo, determinando a sua natureza. É uma lei ou regra de ação definida e estabelecida, especialmente de ação correta, consciente e resolutamente adotada. É o caráter essencial de algo e a fonte de onde uma causa procede. Quando falamos de “um homem de princípios”, com isso queremos dizer que a vida dessa pessoa é governada por certas leis definidas e corretas que motivam e controlam todas as suas ações. Um princípio correto é sempre correto, quaisquer que sejam as circunstâncias. Nem o tempo nem o lugar afetam a correção de um princípio correto.

Pela palavra *"Bíblicos"* queremos dizer aquilo que tem como suporte o ensinamento *geral* da Palavra de Deus, tanto por preceito como por prática. Note bem a frase "o ensino *geral* da palavra de Deus". A maioria das heresias podem apontar para um versículo das Escrituras que *aparentemente* apoia as suas alegações, mas quando uma heresia, ou doutrina errada, é examinada à luz de todas as Escrituras, a sua falsidade torna-se imediatamente aparente. "... *nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação*" (2 Pedro 1:20). Isto significa simplesmente que cada afirmação das Escrituras deve ser interpretada à luz de todas as outras passagens das Escrituras que se relacionam com esse assunto. É de suma importância ter sempre isto em mente.

Pela palavra *“Reunião”*, queremos dizer o ajuntamento dos crentes para um propósito distinto, como adoração, oração ou ministério da Palavra.

Esperamos que o significado do termo **“Princípios Bíblicos de Reunião”** tenha ficado, assim, claro.

Pode ser bom, nesta conjuntura, afirmar que fui salvo entre os crentes conhecidos como “irmãos”. Tal provavelmente será verdade com muitos aqui. Eu nunca ouvi o claro Evangelho não adulterado da graça de Deus antes dos vinte e um anos de idade, quando o ouvi por intermédio de crentes conhecidos como “irmãos”, e assim chamados. Pode servir de interesse afirmar que, espalhados pelo mundo, existem centenas de grupos de crentes que se reúnem simplesmente como Cristãos e buscam realizar os princípios de reunião tão claramente revelados na Palavra de Deus. Onde quer que um grupo assim se reúne, um testemunho do Evangelho é firmado e, por esse meio, milhares de almas preciosas são conduzidas ao conhecimento do Filho de Deus como Salvador, cujo conhecimento conduz à vida eterna. Tais grupos, assembleias ou reuniões de crentes, apesar da sua recusa em aceitar qualquer nome divisivo, têm sido em muitos lugares rotulados de "irmãos". (Nunca é demais dizer que nas Escrituras o termo “irmãos” não é um título denominacional sectário de certo *grupo* de cristãos, ainda que seja verdade que *todos os cristãos* em toda parte sejam irmãos uns dos outros, mesmo independentemente do nome denominacional que possam adotar para si)<sup>1</sup>. Depois de ser salvo, eu desejei naturalmente associar-me aos que tinham sido usados por Deus, para me levar ao conhecimento do Senhor Jesus Cristo como meu próprio Salvador pessoal.

---

<sup>1</sup> Os crentes que se distinguiram ao longo da história por se reunir e honrar fielmente os princípios bíblicos de reunião, sempre recusaram qualquer tipo de rótulo denominacional sectário, incluindo o termo “irmãos”. Muito foram chamados pelos de fora por este rótulo, mas eles próprios nunca o aceitaram, nunca se denominaram por este ou por qualquer outro nome, recusando perentoriamente tal colagem. Infelizmente, hoje, muitos dos que se reclamam herdeiros dos tais, degeneraram, orgulhando-se de se chamar a si próprios de “irmãos”, alguns fazendo questão até de usar a palavra com letra maiúscula – “Irmãos”. Na próxima nota ver-se-á como apesar do termo “irmãos”, ser um termo comum a todos os crentes, e portanto inclusivo, não é contudo *plenamente expressivo*. Também

Este facto, contudo, não é razão suficiente para alguém se ligar a um grupo de crentes e nele permanecer. Quando comecei a estudar as Escrituras por mim mesmo, verifiquei que aqueles crentes que haviam sido usados para me conduzir a Cristo também se empenhavam em seguir os princípios bíblicos de reunião nos seus ajuntamentos. O facto de alguém ter sido salvo através da pregação do Evangelho por parte de um determinado grupo de pessoas não justifica, por si só, que a pessoa permaneça dentro das fronteiras daquele grupo; pois pode haver coisas não bíblicas que sejam ali ensinadas ou praticadas que impeçam o jovem crente de crescer na graça e no conhecimento do seu Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Lutero foi salvo quando estava na esfera da Igreja Católica Romana. Deveria ele, por isso, ter permanecido naquele círculo eclesiástico que não só ignora, como nega, certas verdades reveladas na Palavra de Deus? Tivessem todos os cristãos permanecido na Igreja Romana ao serem salvos ali, não teria havido, humanamente falando, nenhuma Reforma, nenhuma Bíblia para as pessoas comuns, nenhum Evangelho claro, e nenhuma liberdade de pensamento e ação bíblica tal como desfrutamos hoje.

Esses homens, pelos quais nunca devemos deixar de agradecer a Deus, não ficaram satisfeitos em permanecer onde Deus os salvou, porém investigaram e perscrutaram as Escrituras por si mesmos. Quando eles descobriram a falta de suporte bíblico da sua igreja, ou da posição da mesma, eles demarcaram-se do que não estava de acordo com o padrão apresentado na Palavra de Deus. Seria bom que todo o crente aqui não descansasse até ter a certeza, pelo Livro infalível, que os princípios que governam aqueles com quem ele se reúne podem resistir ao teste do ensino *geral* das Escrituras. Uma vez que isso tenha ficado clarificado, o crente nunca será feliz ou ficará satisfeito em qualquer outro lugar. Jovens crentes, firmem-se nestes princípios bíblicos de reunião por meio do estudo diligente da Palavra de Deus! Será uma âncora para as vossas almas nestes dias tenebrosos e turbulentos, caracterizados pela deterioração, negação, dúvida e apostasia!

Chegamos agora à questão diante de nós, que se tornou pergunta pessoal: "Porque me reúno com estes irmãos que assim pensam?" Vamos tentar responder-lhe da forma mais clara, simples e ordenada possível, de modo a não ficar nenhuma incerteza na mente de ninguém. Apresentaremos oito razões distintas para nos reunirmos assim.

**Primeiro: porque não aceito nenhum nome, mesmo comum e inclusivo<sup>2</sup> para todos os crentes e, portanto, me recuso a reconhecer seitas e grupos criados e denominados pelo homem.**

Procuraremos em vão nas nossas Bíblias encontrar a denominação "Batista", ou a "Presbiteriana", ou a "Episcopal", ou a "Congregacional", ou a "Metodista" ou uma série de outras que poderíamos nomear. Dentro de cada uma destas denominações existem muitos crentes genuínos em nosso Senhor Jesus Cristo e, assim sendo, nós os amamos e alegremente os reconhecemos como nossos irmãos, "queridos e amados", e membros do corpo de Cristo; mas não podemos amar ou reconhecer estas denominações, pois elas não são bíblicas na sua formação, além de excluírem, obviamente, muitos do povo de Deus. Todo o crente em Cristo é um Batista? É um Episcopal? É um Luterano? É um Metodista? É um Presbiteriano? É um Congregacional? Claro que não. Estas divisões formadas pelos homens separam o povo de Deus em vários

---

por essa razão, os crentes que querem honrar os **“Princípios Bíblicos de Reunião”**, recusam definir-se apenas por esse ou qualquer outro nome – Nota do tradutor

<sup>2</sup> O nome “irmãos”, por exemplo, apesar de ser inclusivo, pois todos os crentes nascidos de novos, são sem exceção irmãos, não é agregador de tudo quanto o crente é. Não é um nome completo,

grupos distintos. Para alguns, é uma ordenança que os distingue, como acontece com os "Batistas", para outros, é uma forma de governo da Igreja, como acontece com os "Presbiterianos" ou os "Congregacionais". Outros sustentam o nome do fundador da particular seita, como acontece com os "Luteranos" e "Wesleyanos"; todavia todas essas divisões são antibíblicas.

Quando abrimos a Palavra de Deus, descobrimos que os crentes são chamados de "cristãos", "discípulos", "santos", "irmãos", etc. Esses títulos são verdadeiros para todos os crentes? Sim. Todo filho de Deus é um "cristão", um "santo", um "discípulo" e um dos "irmãos". No momento em que somos salvos, tornamo-nos tudo aquilo e muito mais, a despeito de qualquer outro nome criado pelo homem que posteriormente nos possam chamar, ou que nos chamemos.

As Escrituras condenam o denominacionalismo, ou a divisão do povo de Deus em seitas, partidos e sistemas que excluem muitos cristãos da sua comunhão. Este espírito de sectarismo manifestou-se cedo na assembleia em Corinto. Paulo, pelo Espírito, repreendeu-a severamente e disse: *"... ainda sois carnaís: pois, havendo entre vós inveja, contendas e dissensões (divisões, fações), não sois porventura carnaís, e não andais segundo os homens? Porque, dizendo um: Eu sou de Paulo; e outro: Eu de Apolos: porventura não sois carnaís? Pois quem é Paulo, e quem é Apolos, senão ministros pelos quais crestes ...?"* (I Cor. 3:3-5). No primeiro capítulo desta epístola, ele pergunta: *"Está Cristo dividido? foi Paulo crucificado por vós? ou fostes vós batizados em nome de Paulo?"* (1 Coríntios 1:13).

Se Paulo tivesse sido crucificado por eles, ou os tivesse salvado, ou se eles tivessem sido batizados em seu nome; então apenas nesse caso teriam o direito de adotar o seu nome como fundador de um partido. Pense nas centenas de diferentes denominações em que a cristandade foi dividida; Isso é de Deus? Nós respondemos enfaticamente: "Não! Dez mil vezes, não!" É do *homem* e resultado, não da *espiritualidade*, mas da *carnalidade*, que tem fragmentado o povo de Deus em vez de o unir! Na maravilhosa oração, pouco antes de ir à cruz, o nosso Salvador orou para que o Seu povo fosse "um" para que o mundo crescesse que o Pai O enviara (João 17: 21). A multiplicidade de denominações certamente que não apresenta um espetáculo de unidade ao mundo, mas antes de muita confusão e caos.

Muitos crentes desculpam a sua filiação denominacional dizendo: "Que problema há num nome? Estamos todos entusiasmados com o mesmo. Vamos todos para o mesmo lugar!" Esses mesmos crentes mudariam de opinião se alguém falsificasse o seu nome num cheque de quantia avultada e o descontasse no banco! Qual seria a reação destas pessoas se de repente as suas esposas decidissem mudar os seus nomes e usassem um mais adequado ao seu capricho poético? Estes maridos argumentariam com razão, dizendo-lhes: "Eu dei-te o meu nome no nosso casamento e tu não podes mudar o nome só porque sim!" Porque é que, então, havemos de substituir todos os nomes que Cristo deu ao Seu Próprio povo comprado pelo Seu sangue, por apenas um nome em particular, mesmo que bíblico, devido a um capricho nosso?

Muitos procuraram comparar as várias denominações da cristandade a muitos diferentes regimentos de um exército, cada um separado do outro, mas todos unidos com o propósito comum de defender o país da invasão, ou de atacar o inimigo. Tal ilustração certamente não se pode aplicar neste caso, pois o denominacionalismo não respeita a autoridade única e suprema da ordem de operações do Comandante-em-chefe, como se encontra revelada na Sua Palavra; visto que a tem substituído pelas suas próprias regras e regulamentos, havendo negado virtualmente a Sua suprema autoridade de fé e prática. A exibição de denominações rivais, cada uma sob uma bandeira diferente, cada uma comandada por um general da sua própria escolha, e cada uma lutando por preeminência, não sugere a unidade de um exército sob o comando absoluto de um Comandante-em-chefe!

As noites de sábado testemunham muitas vezes uma grande congregação de crentes de várias

denominações a cantar energicamente as lindas palavras: "Nós não estamos divididos, todos nós somos um só corpo; um em esperança e doutrina, um em caridade". A alvorada dos domingos, no entanto, testemunha uma triste contradição dessa verdade bendita, pois cada crente segue um caminho diferente para a sua diferente igreja denominacional. Para muitos, as palavras daquele hino eram apenas a expressão de uma linda *teoria cantada*, não de uma *realidade* praticada e apreciada! A grande verdade, enfatizada pelo Espírito de Deus por meio de Paulo, precisa de ser proclamada em toda parte: "*Todos* vós sois *um* em Cristo Jesus" (Gálatas 3:28).

Conta-se a história de dois cristãos que se conheceram pela primeira vez numa carruagem ferroviária. Depois de uma conversa agradável sobre as coisas de Deus, um deles perguntou: "A que denominação pertence?" O outro respondeu: "Essa é simplesmente a minha dificuldade, e eu gostaria que me ajudasse. Supondo que tivesse apenas a Palavra de Deus para o guiar, a que denominação me aconselharia a associar?" O seu companheiro cristão pensou por uns momentos e depois disse: "Ora, se eu tivesse apenas a Palavra de Deus como minha autoridade, não poderia aconselhá-lo a juntar-se a ninguém!" "É essa exatamente a minha posição", respondeu o outro, "e, face a isso, reúno-me com aqueles que agem de acordo com o que se encontra escrito na Palavra de Deus, e que se reúnem em nome do Senhor Jesus Cristo, separados de toda a confusão que o denominacionalismo tem causado". Esta é a posição dos que se regem por princípios bíblicos de reunião, recusando aceitar qualquer nome denominacional, repudiando toda a divisão e nome de invenção humana, ou qualquer nome bíblico que, mesmo apesar de inclusivo e, portanto, comum, não agrega só por si tudo o que o crente de facto é.

Pode ser argumentado por alguns que congregações que assim pensam e procedem são tanto uma seita como qualquer outra, mas isso não é verdade. O simples facto de um grupo de crentes ser chamado de seita não o torna tal. Tudo tem de ser testado pela Palavra de Deus. Naturalmente, os membros de uma seita procurarão justificar-se chamando de seita aos outros que não veem exatamente como eles. Definamos o significado da palavra "seita". Uma seita é um conjunto de pessoas que se reclamam de igreja, mas que violam os princípios essenciais da Igreja de Deus, conforme são descritos na palavra de Deus. Por outras palavras, a seita não consegue resistir ao teste de todas as Escrituras. Uma seita geralmente adota como traços que a distinguem, alguma forma diferente de governo eclesiástico, ou alguma ordenança, ou alguma doutrina especial, ou o algum ensino peculiar de alguém. As suas condições de admissão não conseguem resistir à luz de toda a Palavra de Deus, pois muitas vezes até permitem que pessoas não-salvas entrem no seu seio, enquanto excluem muitos cristãos que não veem o seu entendimento bíblicamente como sendo são para subscreverem os seus credos. Para funcionarem dependem muito das suas próprias regras e regulamentos, ou do seu "livro de disciplina". Além disso, têm geralmente um ministério ordenado por homens.

Os irmãos que abraçam os princípios bíblicos de reunião repudiam sem hesitação tais invenções humanas, e procuram reunir-se de acordo com o modelo descrito nas Escrituras. Naturalmente, eles diferenciam-se, portanto, das denominações, porém não são uma seita, pois não têm outro centro de reunião que não seja Cristo; não usam nenhum nome denominacional; não usam nenhuma autoridade a não ser a palavra de Deus, e nenhuma condições para se ser recebido em comunhão na assembleia local, a não ser as que se encontram nas Escrituras, a saber: a pessoa deve ser regenerada, ser firme nas doutrinas fundamentais das Escrituras e viver uma vida moralmente pura diante do mundo, o que, fazendo-o, torna o Evangelho respeitável e recomendável.

Tem sido bem sublinhado que nos primórdios do Cristianismo havia congregações de crentes, mas nenhuma Congregacional! Havia crentes batizados, todavia nenhum Batista! Havia presbíteros na assembleia, porém nenhum Presbiteriano! Os crentes tinham método nas suas reuniões, contudo não havia Metodistas! Tinham bispos na Igreja, mas não havia Episcopais! Tremiam diante da Palavra, mas não havia

Quakers (Quacres) (que quer dizer “tremedores”). Eles reuniam-se simplesmente em nome do Senhor Jesus Cristo, e eram obedientes à Sua preciosa Palavra.

**Segundo: Eles reconhecem e agem de acordo com a verdade bíblica da unidade da Igreja de Deus, que é o Corpo de Cristo, da qual Cristo é a Cabeça, e todo crente um membro.**

Notemos as palavras: "*reconhecem e agem de acordo*". Todo o crente inteligente, qualquer que seja sua filiação denominacional, está pronto a *reconhecer* e admitir que as Escrituras revelam apenas a existência de uma só Igreja, tendo Cristo como seu Cabeça e todo o crente como membro desse Corpo; mas poucos estão preparados para seguir esta revelação até à sua conclusão lógica, e *agir* com base nessa verdade, custe o que custar e conduza aonde conduzir. Uma coisa é uma pessoa segurar uma verdade, e outra bem diferente é essa verdade segurá-la a ela, o que faz com que a pessoa regule a sua conduta por meio da mesma.

As Escrituras são claras ao mostrarem que existe apenas uma só Igreja, que é chamada "o corpo de Cristo", da qual Cristo é a Cabeça, e todo crente é um membro. A Palavra de Deus é muito definida quanto a isso. Anote bem as seguintes citações da Bíblia: "Assim nós [crentes], que somos muitos, somos *um só corpo* em Cristo, mas individualmente somos *membros uns dos outros*." (Rom.12:5). "Porque, assim como o corpo é *um*, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são *um só* corpo assim é Cristo também" (1 Coríntios 12:12). "Há *um só* corpo e *um só* Espírito" (Efésios 4:4). "Ora vós [crentes] sois o corpo de Cristo, e seus membros em particular" (I Cor. 12:27).

Todo o crente, ao aceitar a Cristo como seu Salvador, é, pelo Espírito Santo de Deus, unido a este corpo místico de Cristo, a Igreja. "... por um Espírito somos todos batizados em *um corpo*" (I Cor. 12:13, versão espanhola Reina Valera). Cada crente não só é unido pelo Espírito Santo à *Cabeça* e crentes no Céu, mas também é unido a *todos os outros* crentes na Terra, em quem habita o Espírito de Deus. Esta é a grande verdade da unidade do corpo. Cristo está assim ligado eternamente aos Seus, e eles são descritos como sendo "todos ... um em Cristo Jesus" (Gálatas 3:28).

Uma vez que há *um só* corpo, do qual Cristo é a Cabeça, então não há espaço no mundo para *muitos corpos* com muitas cabeças, como revela o denominacionalismo. Se há apenas um corpo, do qual todo crente é membro, e Cristo, é a Cabeça; que necessidade há de se formar outros corpos tendo homens como sua cabeça? Além disso, um membro só pode ser membro de um único corpo; não se pode ser membro do corpo de Cristo e simultaneamente ser-se membro de outro corpo qualquer. Mais, ninguém pode "unir" o corpo de Cristo mais do que o dedo de alguém se pode "unir" ao seu corpo. A Bíblia diz que o crente está unido ao corpo pelo Espírito de Deus (1 Co 6:17; Ef 4:16; Cl 2:19). Assim, é claramente visto que a Igreja não é uma organização *para se unir*, mas um organismo (o corpo de Cristo) ao qual todo crente *foi unido* pelo Espírito de Deus. Vamos sublinhar este facto nas nossas mentes.

Portanto, uma vez que há uma só Igreja, à qual todo crente se uniu, porque há-de o crente tentar unir-se a outra? O que Deus uniu não está suficientemente bem? O Senhorio de Cristo não é suficiente para a Igreja? A Palavra de Deus não é autoridade suficiente? Os que abraçam os princípios bíblicos de reunião reconhecem e agem de acordo com a verdade bíblica do um só corpo; e *não procuram formar outro corpo, mas reconhecer o que Deus já formou*. Eles reúnem-se como membros do corpo de Cristo, em sujeição à autoridade da Cabeça e de acordo com os princípios que o Senhor estabeleceu na Sua própria Palavra. Poderia alguma coisa ser mais simples e bíblica do que isto? Não nos é dito em parte alguma para *fazermos* uma unidade, mas somos intimados a "*guardar* a unidade do Espírito (que Deus fez) pelo vínculo da paz"

(Efésios 4:3). Como alguém que realmente compreendeu, pela palavra de Deus, a verdade do um só corpo e da uma só Cabeça, pode continuar numa afiliação denominacional, é um problema que somente o tribunal de Cristo resolverá.

Uma coisa é ignorar o verdadeiro carácter do sectarismo que virtualmente nega a verdade do um só corpo; mas outra *permanecer* em tal associação com os olhos abertos. Quando um cristão não está ciente do facto de que uma denominação é contrária à Palavra de Deus, a sua consciência está imaculada e Deus pode usá-lo; mas o facto de Deus usar tal pessoa não deve ser interpretado como prova de que Deus aprova a sua posição denominacional. Enquanto o homem andar de acordo com a luz que tem, ele será abençoado; mas aí daquele que vê o mal e o quão antibíblico é o denominacionalismo, e ainda *continua* nele! "A luz aceite traz luz; mas a luz rejeitada traz trevas" - e quão grandes são as trevas da ignorância intencional!

Cada igreja local, ou assembleia de crentes, representa e expressa, ou deveria representar e expressar, a igreja como um todo, do mesmo modo que uma minúscula gota de orvalho reflete, em miniatura, o mesmo céu que o poderoso oceano reflete. Cada assembleia local, portanto, deve ter Cristo como sua Cabeça, somente os crentes como seus membros, a Palavra de Deus como seu guia, o Espírito Santo como seu poder, e a glória de Cristo como seu alvo. O grupo com quem se reúne reconhece e age, portanto, de acordo com a verdade da unidade de todos os crentes em Cristo, ou cria barreiras artificiais que excluem crentes regenerados que nas suas vidas são doutrinai e moralmente sãos? Um grupo assim *não é contemplado nas Escrituras* e, portanto, não tem justificação bíblica para a sua constituição e existência. Os irmãos que abraçam os princípios bíblicos de reunião procuram manter e praticar esta verdade tão claramente revelada no Livro dos livros, e, portanto, têm autoridade bíblica para a sua posição.

**Terceiro: Eles não reconhecem nenhuma outra autoridade a não ser a Palavra de Deus para a sua forma de se reunir e a manutenção da ordem divina nas reuniões.**

Como os antigos Bereanos eles "de bom grado receberam a Palavra, examinando cada dia nas Escrituras se estas coisas eram assim" (Atos 17:11). Eles acreditam, e com razão, que não têm o direito de criar um novo modo de reunião para o povo do Senhor como não têm o direito de criar um novo caminho para a salvação. Se o caminho da salvação, há cerca de 2.000 anos, é bom e suficiente para hoje, então os princípios de Deus para nos reunirmos são tão necessários para nossa orientação na comunhão da assembleia como foram nos dias da antiguidade. Não podemos melhorar o padrão que Deus deu ao Seu povo nas Escrituras. Acredita nisso? Estes irmãos acreditam e agem em conformidade.

Leremos o Novo Testamento em vão na tentativa de descobrir algo que se aproxime de uma denominação, que tenha um homem selecionado como seu ministro para fazer toda a pregação, ensino, oração e liderança na adoração, que se chame a si por algum título dado pelo homem, que seja regulado pelos seus próprios estatutos e livros de disciplina, tendo o seu próprio credo particular, que todos devem subscrever antes de se poderem agregar, em muitos casos, acrescentando ritos, ordenanças e cerimónias estranhas à Palavra de Deus bem manejada, e muitas vezes permitindo que pessoas não-salvas entrem e permaneçam como seus membros. Isto não é um exagero, pois uma visita e um exame a muitas igrejas denominacionais logo convencerá o investigador sincero desta infeliz realidade.

Uma leitura no livro dos Atos e especialmente nas epístolas de Paulo, revelará o facto dos crentes, e somente os crentes, se reunirem em e para o nome do Senhor Jesus Cristo (1 Cor. 12:27; Col. 1:18; Fil. 2:9-11; Heb. 13:13; 1 Cor. 5:4; 10:21), a fim de se lembrarem do Senhor no partir do pão (Atos 20:7; 1 Coríntios 11:23-24), para edificação (Atos 2:41-47; 1 Cor. 12 a 14 capítulos), e para oração (1 Timóteo 2:1-



8; Rom. 12:12; Efé. 6:18; Fil 1:19; 4:6; Col. 4:2). Estes grupos, grandes ou pequenos, são chamados de "igrejas" ou "assembleias". Encontramos a expressão ali "Igrejas dos santos" (I Coríntios 14:33); "Igrejas de Deus" (I Ts. 2:14); "Igrejas" (Atos 15:41; 16:5); "Igrejas de Cristo" (Rom. 16:16). Nestas igrejas ou assembleias de crentes não há menção de "o ministro", ou de "o livro da disciplina", ou "o credo", ou qualquer nome especial como "Batista", "Presbiteriano" etc., pelo qual essas assembleias se distingam umas das outras. Era apenas a localização delas que as distinguia. Encontramos "A Igreja de Deus que está em Corinto" (I Cor. 1:2). "As Igrejas da Galácia" (Gálatas 1:2), etc. A Igreja que estava em Corinto incluía todos os crentes em Cristo naquela cidade. Uma carta endereçada: "À Igreja de Deus em Chicago", ou qualquer outra cidade que deseje nomear, destinar-se-ia, e incluiria, toda a pessoa regenerada ali, pois tal expressão inclui todos os que, pelo Espírito de Deus, foram unidos ao corpo de Cristo.

Na igreja que é o Seu corpo, Cristo, a Cabeça, deu certos dons para a edificação de todo o corpo dos crentes. Esses dons são evangelistas, pastores e doutores ou ensinadores (Efésios 4:8-16). Estes são reconhecidos nas igrejas locais e cumprem o seu ministério em comunhão com elas. Os pastores também são chamados bispos, presbíteros ou anciãos e também há diáconos nessas igrejas, como por exemplo em Filipos (Filipenses 1:1). Não há menção da existência de um só homem no comando de uma assembleia, a quem esta delegue a tarefa de ensinar, pregar e pastorear. Não encontramos nas Escrituras a expressão "o pastor da igreja" ou "o ensinador ou pregador da igreja". A palavra para este dom está sempre no plural. Na mesma assembleia havia "pastores, evangelistas, doutores, bispos e diáconos". Como é que isto se encaixa com o que é visto no denominacionalismo moderno? Nas Escrituras não vemos nenhum crente, em conversação, ser chamado pelo seu dom, pois os dons não eram títulos honoríficos, mas responsabilidades. Pedro, referindo-se a Paulo, chamou-o de "o nosso amado irmão Paulo" (2 Ped. 3:15).

Se uma pessoa fosse ao Novo Testamento para descobrir como se livrar do "pastor de uma igreja", descobriria que nas Escrituras não existe tal pessoa assim descrita, não sendo contemplada na Palavra de Deus. Existem duas formas distintas de tratar os problemas com os quais um grupo de crentes pode sofrer: estritamente bíblica e não bíblica. A primeiro é tratar de acordo com as instruções da Bíblia; mas a última é tratar segundo os estatutos e livros de disciplina dos homens. Os irmãos que manejam bem a Palavra da verdade têm os seus problemas (pois a carne está dentro deles como está entre todos os demais "irmãos ... em Cristo"), mas esses problemas são antecipados, e o remédio é providenciado pela Palavra de Deus.

Por exemplo: eis um grupo de crentes que falharam em agir uns para com os outros em amor. Ciúmes e conflitos foram permitidos continuar sem julgamento na assembleia; o Espírito Santo é entristecido e extinto, e a confusão e a aridez seguem-se. Qual é o remédio? Existem dois métodos. Um é cada crente naquela assembleia se humilhar diante de Deus reconhecendo o seu pecado e reconciliar-se com os seus irmãos, para que Deus se agrade em entrar e reavivar a assembleia levando os crentes a terem consciência da Sua presença, e da liberdade e poder do Espírito Santo. O outro método é nomear um homem como chefe daquela assembleia, e permitir que ele tenha a administração da reunião, a responsabilidade do ministério da Palavra, a distribuição dos elementos da ceia do Senhor, a condução da reunião de oração, e a pregação do Evangelho, para que toda a confusão acabe. Qual é o método correto de restauração, o primeiro ou o último? Essa pergunta tem apenas uma resposta. Todo filho de Deus concordará que o primeiro método é aquele que honra a Deus e é o remédio bíblico. O outro método é visto no denominacionalismo com seus males concomitantes de elitismo, hierarquias, sínodos, conselhos, livros de disciplina, etc.

Nunca será demais enfatizar que os princípios bíblicos de reunião requerem poder bíblico - o Espírito Santo - para o seu funcionamento. Quando esse poder está ausente, segue-se a confusão, porém, não são os princípios que falham, mas as pessoas. Uma vez que o povo de Deus seja restaurado no coração, o poder torna-se mais uma vez aparente. Os princípios, sendo bíblicos, são verdadeiros e corretos. Não vamos

ajustar os princípios à nossa forma de reunião, mas sim a nossa forma de nos reunirmos aos princípios encontrados no bom Livro. Isto está claro? Enquanto a carne permanecer no povo de Deus, haverá manifestações da mesma que tornarão a história dolorosa; mas os princípios das Escrituras permanecem invariáveis e imutáveis. Na sua carta aos Coríntios, Paulo repreendeu severamente os crentes pelo seu comportamento na assembleia, que resultou em desordem, vergonha e desonra, mas nunca, por um momento, ele sugeriu que os princípios bíblicos, que ele lhes havia entregue, devessem ser alterados para se adequarem à sua condição de almas desviadas.

#### **Quarto: Eles são inflexivelmente leais à Pessoa e obra do Senhor Jesus Cristo.**

Por outras palavras, eles estão “ligados”<sup>3</sup> à Cabeça (Cl 2: 19). Nada depreciativo da Pessoa e obra de Cristo permanece incontestado e não julgado por um instante nas suas assembleias; e isso é verdade em todo o mundo, onde quer que essas reuniões bíblicas sejam encontradas. A Deidade essencial do Filho de Deus, como coigual e coeterno com o Pai e o Espírito Santo; e a necessidade e a eficácia do sacrifício substitutivo de Cristo, no Calvário, como a única base para a aceitação do crente diante de Deus, são enfatizados constantemente.

Aqueles que se encontram nestas assembleias podem não se destacar pelos seus dons oratórios; mas uma coisa é certa: onde quer que alguém se levante para pregar o Evangelho, a Pessoa de Cristo é exaltada, a Sua divindade eterna é confessada e toda a suficiência da obra de redenção que Ele realizou pelo derramamento do Seu precioso sangue é proclamado sem somido incerto.

Seria bom que isto fosse verdade nas reuniões denominacionais, mas, infelizmente, nelas acontece mais a exceção do que a regra! Nelas são permitidos homens nos púlpitos de muitas igrejas que negam a Deidade de Cristo, zombam da doutrina da redenção através do Seu sangue, e menosprezam ou recusam-se aceitar a Bíblia como a Palavra divinamente inspirada e, portanto, como absolutamente inerrante e autoritária Palavra de Deus. Ainda assim e apesar disso, muitos cristãos professos parecem contentar-se em ouvir essa negação do seu Senhor e a triste falsificação do Evangelho. Pela sua filiação, presença e apoio financeiro de tal organização, eles ajudam a perpetuar esta coisa vergonhosa! A divindade de Cristo é a pedra fundamental do Cristianismo, e a pessoa que a nega não é um Cristão e, portanto, não tem lugar num púlpito declaradamente Cristão. Qualquer grupo de pessoas que tolera um pregador que nega a Deidade e a obra de Cristo, não é lugar para um verdadeiro e fiel filho de Deus. Se Cristo não é Deus, não temos necessidade d’Ele. Visto que Cristo é Deus, então nada podemos fazer sem Ele!

Permanecer dentro de um grupo de crentes professos que permite que esse mal doutrinário seja pregado e permanecer sem o mal ser julgado, é ser desleal à Pessoa e obra do Senhor Jesus Cristo. Continuar em tal associação é apoiá-la. A Palavra de Deus é clara quanto à atitude de um crente em tal caso. "... que parte tem o fiel com o infiel? ... saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis nada imundo, e eu vos receberei, diz o Senhor ..." (2 Co. 6:15-17). "Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes", declara a Bíblia (1 Co.15:33) .

Um homem é conhecido pelo grupo em que está. É muito melhor para uma pessoa ficar sozinha pelo que ela sabe ser a verdade da Palavra de Deus e a honra do Filho de Deus, do que estar ligada por associação, a inimigos e blasfemadores do seu bendito Senhor.

---

<sup>3</sup> Ou, *reconhecem* a Cabeça.

A lealdade ao Comandante-em-chefe é essencial para que um exército ataque unido um inimigo comum. O que pensaria dos soldados de um exército que estivessem com receio de enfrentar o inimigo, com medo que alguns das suas próprias fileiras lhes espetasse uma baioneta nas costas? Esta é a situação em muitas denominações onde são toleradas visões pervertidas e blasfemas da Pessoa e obra do Filho de Deus. Um membro de tal organização nunca sabe quando a Deidade do seu Senhor será atacada por detrás do púlpito, a eficácia do Seu sangue precioso ridicularizada e negada, e a verdade e a autoridade da Palavra de Deus postas em causa. Graças a Deus, isso não é verdade entre as centenas de assembleias de crentes espalhados por todo o mundo que abraçam os princípios bíblicos de reunião.

#### **Quinto: Acolhem nas suas assembleias todos os que Cristo recebeu, para a glória de Deus.**

Isto é, todas as pessoas regeneradas que são sãs na doutrina e piedosas no seu andar diante dos homens. Criar quaisquer outras condições para se receber uma pessoa à ceia do Senhor e aos privilégios como crente em comunhão efetiva com a assembleia é *agir de forma sectária*, não tendo qualquer justificação bíblica, sendo que tais condições só servirão para provocar confusão e trazer desonra a um grupo de crentes.

Nas assembleias que vemos nas Escrituras cada crente associava-se às mesmas ao converter-se. Naqueles dias não havia necessidade de perguntar: "A que denominação me juntarei?" Havia apenas um lugar para um filho de Deus se dirigir e era onde os crentes se reuniam em nome do Senhor Jesus, quer fosse para oração, ou louvor, ou adoração ou o ministério da Palavra. Saulo de Tarso, depois de sua conversão, "esteve ... alguns dias com os discípulos que estavam em Damasco" (Atos 9:19). Quando ele procurou "ajuntar-se aos discípulos" em Jerusalém, os crentes tiveram receio de recebê-lo, porque ele havia sido um inimigo dos Cristãos. Barnabé, no entanto, atestou a sua profissão de fé e caráter cristão, e ele foi então recebido (Atos 9:26). Esta é a orientação que vemos logo no início da formação do Corpo de Cristo quando ao modo de receção numa assembleia local. Foi assim que o primeiro membro do corpo (1 Tim. 1:16) foi recebido. O apóstolo Paulo foi depois grandemente usado por Deus, através da pregação do Evangelho e do ensino da Palavra, no estabelecimento de assembleias de crentes que se reuniam em nome do Senhor Jesus Cristo. Para essas assembleias locais, todo cristão, doutrinariamente e moralmente são, era recebido de bom grado.

Parece ter sido costume, na igreja primitiva, que um crente que deixasse uma cidade para ir para outra levasse consigo uma carta da sua assembleia de origem, recomendando-o ao amor e cuidado da assembleia na cidade à qual se dirigia (2 Co 3:1). Por esse meio, era sensatamente assegurado que crentes e *somente* crentes participassem na Ceia do Senhor. Embora uma carta de recomendação sirva um propósito útil e bom, não deve ser permitido que ela se torne numa regra rígida ou se torne numa condição essencial, antes de um crente ser recebido à Ceia do Senhor. Isto é mero formalismo. É com princípios, e não com regras, que a dispensação da graça se preocupa. O espetáculo dos salvos, e perdidos, fazendo conjuntamente parte da comunhão da igreja, tal como vemos ao nosso redor na Cristandade, não tem contrapartida nas Escrituras. Em 1 Cor. 11 lemos que os que participavam na Ceia do Senhor e, tendo procedimento incorreto, foram disciplinados, eram crentes genuínos, pois foram-no para não serem "condenados com o mundo" (ver. 32). Não são reconhecidos ali descrentes. É de suma importância preservar estes princípios, e não permitir que alguma pessoa que se saiba ser descrente participe da Ceia do Senhor, nem permitir que se associe em comunhão efetiva com a assembleia. Também não se deve permitir que uma pessoa que seja infiel aos fundamentos da Palavra de Deus, ou que viva imoralmente, possa continuar na comunhão da igreja. Se for provado que alguém em comunhão, *depois de um exame cuidadoso e imparcial*, defende e

ensina doutrina errada, ou vive imoralmente, ou pratica os pecados enumerados em I Coríntios 5:11, deve ser afastado da comunhão da assembleia até ser bastante claro que a pessoa foi sinceramente restaurada na sua comunhão com o Senhor (1 Coríntios 5:13, 2 Coríntios 2:6-8).

Costumamos dizer que, como a ceia do Senhor pertence ao Senhor, deve ser somente para o povo do Senhor. O Senhor convida o Seu próprio povo remido com o Seu próprio sangue para assim se lembrar d'Ele. A assembleia simplesmente *recebe o Cristão* que é *são* no seu viver e doutrina, e que viu pela Palavra de Deus o seu privilégio e responsabilidade de estar presente. Se, do que viu e ouviu da Palavra de Deus, foi levado a perceber que o seu lugar é estar presente entre os que só se reúnem em nome do Senhor Jesus Cristo, na simplicidade bíblica, e à parte das formas eclesiásticas inventadas pelos homens, dê a conhecer este seu desejo a uma assembleia de crentes. Eles, por sua vez, irão entrevistá-lo para verem se consegue apresentar a razão da esperança que está em si, e se é sadio no seu modo de viver e na doutrina. Uma vez que isso seja demonstrado, eles terão prazer em recebê-lo para partilhar com eles da comunhão Cristã e de se agregar à assembleia, que é o direito inato de todo crente em Cristo.

#### **Sexto: Eles observavam, segundo as Escrituras, a Ceia do Senhor dada à Igreja pelo Senhor Jesus Cristo.<sup>4</sup>**

A Ceia do Senhor, como já vimos, é para todo o povo do Senhor que é *são* na forma de viver e na doutrina. Um exame da prática da Igreja primitiva, como visto no livro dos Atos, parece indicar que os irmãos de uma determinada comunidade reuniam-se todos os domingos para anunciar a morte do Senhor no partir do pão (Atos 20:7). Eles vinham principalmente, não para ouvir uma pregação, mas para partir o pão, símbolo divinamente indicado do corpo do seu Senhor e Salvador, e para beber o cálice, símbolo do Seu precioso sangue.

Para a observação da Ceia do Senhor temos abundante testemunho das Escrituras. Na mesma noite em que

---

<sup>4</sup> No original, o título desta secção é "Sexto: Eles observavam, segundo as Escrituras, as ordenanças dadas à Igreja pelo Senhor Jesus Cristo". O autor começa por falar no batismo na água, e depois na Ceia do Senhor. Ora, nós sabemos que o batismo na água é realmente uma ordenança, mas também sabemos que é uma ordenança judaica e como tal não é para a Igreja, o Corpo de Cristo. Sabemos igualmente que as ordenanças foram riscadas, abolidas e desfeitas na cruz (Efé. 2:15; Col. 2:14,20). Ao contrário dos 12 apóstolos que têm a ver com as 12 tribos de Israel, e receberam mandamento do Senhor para batizar na água (Mat. 28:19,20), o Apóstolo da dispensação da Graça, da Igreja, o Corpo de Cristo, Paulo, não foi enviado a batizar (1 Cor. 1:17), pelo que o batismo na água hoje não faz sentido ser praticado.

Alfred P. Gibbs não percebeu isso, mas no seu tempo já tinha começado a perceber algo que muitos que batizam na água precisariam de aprender. Disse ele:

"Devemos ter cuidado em não tornar o batismo na água na porta de entrada para participar na Ceia do Senhor ou a base da nossa comunhão com outros cristãos.

'Portanto recebei-vos uns aos outros, como também Cristo nos recebeu para glória de Deus' (Romanos 15:7 )."

Cristo foi traído, Ele reuniu Seus discípulos e instituiu esta festa de recordação (Veja Lucas 22: 19, 20; Mat. 26: 26-28); Marcos 14: 22-25). De João 13, parece certo que Judas ausentou-se após a festa da Páscoa, e antes que a ceia do Senhor fosse instituída. Em I Cor. 11:23-34, aprendemos que a Ceia do Senhor foi dada a Paulo, o apóstolo, como uma revelação distinta pelo Senhor ressurreto. O assunto é apresentado porque os irmãos em Corinto abusaram do privilégio desta festa memorial, transformando-a numa refeição em que cada homem satisfazia o seu próprio apetite de comida e bebida. O propósito e especificidades da bendita Ceia do Senhor são aqui apresentados como uma revelação direta do Senhor ascendido em glória, e todo cristão deve ler esta passagem inteira cuidadosamente e em oração.

Quando as assembleias de cristãos se espalharam pela Ásia, tornou-se costume estabelecido que os discípulos se reuniam no primeiro dia da semana para partir o pão. Note que não era no primeiro domingo do mês, nem no primeiro domingo do trimestre, nem no primeiro domingo do semestre nem uma vez por ano; mas no *primeiro dia da semana*. A expressão é usada novamente em 1 Cor. 16:1,2, onde Paulo escreve sobre a coleta para os santos, dizendo: "No primeiro dia da semana cada um de vós ponha de parte o que puder ajuntar, conforme a sua prosperidade ..." O seu propósito primordial de reunir-se no primeiro dia da semana, em nome do Senhor Jesus Cristo, era lembrar-se d'Ele conforme a indicação divina, e assim "anunciar a morte do Senhor até que Ele venha".

Isso é o que os irmãos que abraçam os princípios bíblicos de reunião ainda procuram fazer. Em todo o mundo, num momento mais conveniente para a maioria dos crentes, Cristãos e *somente Cristãos*, reúnem-se apenas no nome do Senhor. No meio deles há uma mesa sobre a qual é colocado um pedaço de pão e um cálice contendo o fruto da videira. Na medida em que é a *Ceia do Senhor*, não há ninguém presente que tente usurpar o senhorio e a autoridade de Cristo, tentando tomar o Seu lugar ou organizar o Seu programa. Um após outro, os irmãos levantam-se à medida que o Espírito Santo conduz - um com um hino, outro expressando a adoração da assembleia; outro com alguma exposição da Escritura em consonância com a festa do memorial. Um levanta-se para dar graças pelo pão, e este é partido e passado para que todos possam parti-lo e comer. Eventualmente outro surge para agradecer o cálice e este, por sua vez, é passado de um para outro.<sup>5</sup>

Assim, na simplicidade bíblica, esta festa, instituída pelo Salvador, é observada e mantida. Não há nenhuma cabeça *visível* nesta reunião memorial, pois nada disso é contemplado na Palavra de Deus, no entanto, Cristo está presente pelo Seu Espírito. "Não sabeis vós que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?". E quem ousaria tomar o Seu lugar? Porém no meio denominacional alguém ousou tomá-lo. Há uma elite que o tem feito. Quer, consciente quer inconscientemente, o lugar da preeminência de Cristo (Col. 1:18) na assembleia dos Seus santos, na adoração, nesses meios denominacionais, tem sido substituído pelo chamado "ministro", humanamente ordenado, que distribui os elementos, e *sem a presença do qual* a Ceia do Senhor não pode ser realizada e apreciada! Nós afastamos com aversão de tal perversão do padrão que as Escrituras nos facultam. As Escrituras deixam claro que *Cristo é o Anfitrião* na Sua própria mesa (1 Cor. 10:21), e cada crente é Seu convidado de honra. É a Sua presença, e não a presença de um clérigo, que dá virtude e valor à Ceia do Senhor.

Não há lugar mais verdejante no deserto que é este mundo do que o lugar onde Deus quer que o crente esteja para se reunir somente com crentes, à volta do Senhor, no primeiro dia de cada semana, para lembrar o Senhor Jesus Cristo segundo o modelo estabelecido pelo Senhor, a fim de anunciar a Sua morte até que Ele volte. É este o seu feliz privilégio, crente irmão? Não descanse até poder cantar com sinceridade:

---

<sup>5</sup> Em alguns lugares, depois da ação de graças pelo cálice, o vinho nele contido é passado para pequenos cálices que são distribuídos por todos os presentes.

Senhor Jesus, em Teu nome precioso,  
E, somente nesse nome mavioso;  
A Teu pedido, alegremente nos reunimos,  
O Teu senhorio reconhecemos e sentimos.

Como naquela noite escura de traição,  
Tu ordenaste esta festa de gratidão;  
Nós, também, o pão e o cálice tomamos,  
E a Tua morte, Senhor, anunciamos.

O pão, o Teu corpo, retrata;  
O cálice, que divisa do sangue tão grata;  
Porque o meu pecado foi posto de lado,  
Agora Te louvo imaculado.

O Anfitrião és Tu, ó bendito Senhor;  
Nós, os honrados convidados do Amor:  
Com corações gratos e adoradores,  
Nos lembramos Teus graciosos favores.

Senhor Jesus, a Quem amamos sem ver,  
Quando pensamos em Teu divino Ser,  
Nós nada vemos, senão a Ti somente,  
Queremos louvar-Te eternamente.

**Sétimo: Eles dão liberdade ao exercício de todos os crentes havendo espaço para o desenvolvimento de todos os dons dados pelo ressuscitado Cabeça à Sua Igreja.**

A heresia abominável que divide o povo de Deus em duas classes, chamadas de "clero" e "leigos", é desconhecida no Novo Testamento. Isso não surgiu senão na última parte do segundo século, como uma pesquisa feita a qualquer "História da Igreja" confiável provará. Esta inovação foi, sem dúvida, obra do Diabo, e causou uma devastação incalculável na Igreja de Deus. A palavra "clero" vem da palavra "kleeros", que significa "herança". Em 1 Ped. 5:3, o Espírito de Deus declara que todos os crentes são "kleeros" ou herança de Deus. Vemos assim que alguns usurparam exclusivamente para si um nome que Deus deu a todos os Seus remidos sem exceção – “Herança” (Gr. Kleeros). O termo "leigos" vem da palavra "laicos", que significa "pessoas comuns". Na Cristandade, ouvimos falar de "clérigos e leigos", ou "kleeros e laicos". Na Cristandade o clérigo pertence a uma classe particular na Igreja, que, por causa da instrução ao longo de certas linhas religiosas e da ordenação humana, recebe autoridade para pregar, batizar, administrar os elementos da ceia do Senhor e também para conduzir a igreja no culto público, oração e ministério, assim como para pastorear o rebanho. O leigo, não sendo tão instruído e não sendo ordenado, não tem tais privilégios, e deve contentar-se em ocupar um lugar subordinado, subalterno, inferior. Esta teoria antibíblica encontra a sua expressão mais plena na Igreja Católica Romana, todavia o protestantismo também está muito corrompido por ela.

O Apóstolo Pedro, ao referir-se ao Apóstolo Paulo, como já foi aludido atrás, referiu-se a ele como simplesmente “o nosso amado irmão Paulo” (2 Pedro 3:15). Que excelente exemplo para ser praticado por todos os crentes no trato que têm uns com os outros. Os dons não são títulos honoríficos.

Lamentavelmente muitos continuam com um sistema que mantém e apoia essa multidão de "eminências", "reverendos", etc., sem qualquer base bíblica. Na medida em que a Igreja de Deus é comparada a um corpo humano, sendo cada parte necessária para o bom funcionamento do todo, não pode, haver divisão do corpo em dois corpos ou classes separados, como é praticado na maioria dos círculos do denominacionalismo

Não há o menor fundamento para a divisão dos Cristãos na Palavra de Deus, como faz a Cristandade. Procurará isso em vão nas Escrituras. Tal é estranho a toda a linguagem nas epístolas de Paulo, onde todo crente é visto ter uma posição igualmente importante, independentemente da aparência do seu dom.

*“Agora pois há muitos membros, mas um corpo.*

***“E o olho não pode dizer à mão: Não tenho necessidade de ti: nem ainda a cabeça aos pés: Não tenho necessidade de vós.***

*“Antes, os membros do corpo que parecem ser os mais fracos são necessários.*

***“E os que reputamos serem menos honrosos no corpo, a esses honramos muito mais; e aos que em nós são menos decorosos damos muito mais honra.***

*“Porque os que em nós são mais honestos não têm necessidade disso, mas Deus assim formou o corpo, dando muito mais honra ao que tinha falta dela;*

***“Para que não haja divisão no corpo, mas antes tenham os membros igual cuidado uns dos outros.***

*“De maneira que, se membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele.*

***“Ora vós sois o corpo de Cristo, e seus membros em particular”*** (1 Cor. 12:20-27).

Entre os que manejam bem a Palavra da verdade, tais distinções não são toleradas por um instante. Quando se reúne como assembleia para adoração, ou para oração, estão todos em pé de igualdade, usufruindo da liberdade dada pelo Espírito de Deus para se expressarem *audivelmente* através de qualquer dos *homens* reunidos, sendo as *mulheres* particularmente intimadas a ficarem "caladas nas igrejas" (1 Cor. 14:34, 35). Em tais reuniões, a adoração tem o seu devido lugar. A cristandade praticamente eliminou a lugar da reunião de adoração, onde os crentes se reúnem com o propósito de dar a Deus aquilo que Ele busca do Seu povo, a adoração dos seus corações. Adorar não é oração pelas necessidades de alguém, nem louvor pelas bênçãos de alguém, mas o transbordar da alma em adoração a Deus pelo que Ele é em Si mesmo, como revelado no Senhor Jesus Cristo. A oração é a ocupação do coração com as nossas necessidades, o louvor é a ocupação do coração com as nossas bênçãos, mas a adoração é a ocupação do coração com o próprio Deus. Quão pouco disto é encontrado no denominacionalismo, e assim, Deus é roubado da Sua porção relativamente ao Seu povo!

Embora seja verdade que todos os crentes têm dons, também é verdade que nem todos são evangelistas, pastores ou doutores. Estes são dons dados à igreja pela Cabeça ascendida, porém o facto de um crente exercer um ou mais destes dons não o coloca numa classe profissional acima dos seus irmãos. Ele meramente exerce o dom que lhe foi dado como parte do corpo de Cristo, e assim toda a assembleia é edificada por meio dele.

Bispos, pastores, presbíteros e anciãos referem-se ao mesmo dom como se vê no seu uso intermutável em

Atos 20:17,28; Tito 1:5,7; 1 Pedro 5:1,2,4, onde cada um dos termos enfatiza um determinado aspecto do mesmo. Na bíblia este dom, referindo-se a homens, surge sempre no plural – nunca no singular. Na igreja, Pastor, no singular, refere-se sempre ao Senhor Jesus Cristo. Na igreja bíblica não existe “o pastor” da igreja, mas os *pastores* da igreja. No que diz respeito ao bispo, ele é uma pessoa muito diferente daquilo que sabemos do alto ofício eclesiástico encontrado nas seitas da cristandade. Ora, a implementação prática desta verdade iria perturbar grandemente algumas das denominações atuais altamente organizadas.

Os irmãos que primam pelos princípios bíblicos de reunião procuram reconhecer os dons uns dos outros e dar-lhes liberdade para o exercício dos mesmos na assembleia. Eles creem que Deus quis dizer o que disse quando afirmou: “Cada um administre aos outros o dom como o recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus” (1 Pedro 4: 10,11). O dom criará espaço para si, e logo se tornará evidente para uma assembleia se esta ou aquela pessoa tem realmente o dom de evangelista, de ensinador ou de pastor. Os santos são exortados: “E rogamo-vos, irmãos, que reconheçais os que trabalham entre vós, e que presidem sobre vós no Senhor, e vos admoestam” (1 Tessalonicenses 5:12). Porém, nunca são solicitados a elegê-los, escolhê-los ou nomeá-los (falar deles como se tratando de rótulos).

A cristandade dá o espetáculo de um homem único ser eleito e nomeado por uma congregação que decide dar-lhe um certo salário estipulado para que evangelize, ensine, pregue e pastoreie o rebanho; mas raramente há uma pessoa que tenha todos esses dons combinados em si mesmo. Além disso, as Escrituras não contemplam um ministério assalariado. Tal é estranho aos princípios bíblicos, que revelam que o evangelista, doutor ou pastor que eventualmente pensa em dedicar-se a tempo integral para um destes ministérios, deve depender apenas do Senhor para o seu sustento, não contando com o braço do homem. Ainda assim Paulo, apesar de apresentar essa opção como um direito que o servo de Deus tem, abriu mão dele, apresentando duas fortes razões que devem ser tidas sempre em muita atenção por todos nós: não ser pesado aos crentes e tal não constituir um tropeço para os descrentes (1 Tes. 2:9; 2 Tes. 3:8; 2 Cor. 12:14-16; 1 Cor. 9:12). Não precisamos de ficar surpreendidos com os ataques dos chamados "ministros" das denominações contra irmãos que assim pensam e agem a este respeito. Esses homens sabem bem que, se aceitassem o que a Palavra de Deus diz para se praticar, perderiam a sua posição, o seu “emprego”. O seu gesto é de autodefesa para defender um sistema que é o seu meio de subsistência, mas não o que ensina a Palavra de Deus.

A ideia de se levantar coletas de dinheiro numa audiência mista de salvos e perdidos também não tem base bíblica. Não há a menor sugestão de ser solicitado dinheiro às pessoas perdidas para "ajudar a causa", ou "pagar" o salário do ministro, "ou pagar a hipoteca do edifício da igreja". O dinheiro deveria ser colhido *apenas do povo do Senhor* (1 Cor. 16:1, 2; 3 João 7). Que vergonha e desonra a Cristandade tem trazido ao nome do Cristianismo, usando meios mundanos para extrair dinheiro dos bolsos relutantes de pessoas perdidas para apoiar o que é claramente de Deus!

Resumindo: Vimos que uma assembleia de crentes, de acordo com as Escrituras, dá espaço à manifestação e desenvolvimento de todos os dons dados pelo Cabeça da Igreja ao Seu corpo. Nós lemos: "Do qual todo o corpo, bem ajustado e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua *edificação em amor*" (Ef. 4: 16).

Assim, os evangelistas da igreja local estão ocupados em *pregar* o Evangelho aos perdidos, os ensinadores procuram *instruir* os crentes, os pastores *pastoreiam* o rebanho, sobre o qual o Espírito Santo os constituiu superintendentes ou bispos (Atos 20:28; 1 Pedro 5:1-4), e assim os presbíteros, ou anciãos, e os diáconos cumprem a sua função dada por Deus. Isso é possível na assembleia de que faz parte, ou está associado a um grupo humanamente concebido, humanamente organizado e dirigido por seres humanos, que não



permitem liberdade para o exercício ou desenvolvimento dos dons de Cristo à igreja para funcionarem na assembleia local?

### **Oitavo: a sua atividade evangelística é governada pelos princípios estabelecidos na Palavra de Deus.**

Das assembleias assim constituídas largas centenas de crentes saíram para pregar o Evangelho em campos missionários estrangeiros, alguns deles dependendo apenas do Senhor para o seu sustento. Muitos mais têm estado ativamente empenhados nos seus próprios países, abrindo novos lugares onde pouco ou nenhum Evangelho é ouvido com fidelidade, e onde estes princípios bíblicos de reunião não são praticados. Há um grande exército de homens profissionais e de negócios que dedicam o seu tempo “livre” à pregação do Evangelho, distribuindo literatura, visitando os doentes e ensinando a Palavra de Deus. A única diferença entre estes e os outros obreiros é que estes são de tempo parcial, e os outros de tempo integral, não obstante os primeiros, apesar dos seus trabalhos seculares, viverem para o Senhor igualmente a tempo inteiro, eventualmente até mais. Todos labutam a mesma seara. Em todo lugar onde qualquer um deles está previsto pregar o Evangelho, podemos estar absolutamente certos de que não ouviremos nada além da declaração clara da necessidade do homem e do remédio de Deus, e da proclamação de uma salvação plena e livre, condicionada unicamente pela fé na obra consumada de Cristo (Romanos 10:9-10; Atos 16:31).

Vá onde for neste mundo, onde quer que estes grupos de Cristãos não denominacionais sejam encontrados, ouvirá uma apresentação clara do Evangelho, honrando a Deus e glorificando a Cristo. Eles estão preparados, como indivíduos, para ir *a qualquer lugar* levando consigo toda a Bíblia, e declarando todo o conselho de Deus, sempre manejando, dividindo, bem a Palavra da verdade. Onde quer que vão, eles pregam a Palavra sem receio, favor ou encargo. Somente a eternidade revelará os incontáveis milhares que foram levados a ver a sua necessidade como pecadores e a confiar no Salvador, que por eles lhes foi apresentado com a pregação do Evangelho. Naturalmente, cada servo de Deus é responsável pela sua *esfera* e métodos de serviço (Romanos 14: 4) apenas perante o seu Senhor. Embora seja recomendável que ouçam conselhos dos irmãos piedosos, não devem permitir-se a receber deles ordens relativamente a estas coisas, pois eles não são servos dos homens, mas do Senhor (Gálatas 1:10). Um número cada vez maior de assembleias, através das quais a Palavra de Deus soa sem somido incerto, dá testemunho eloquente do facto de que os princípios de reunião de Deus são tão úteis hoje quanto foram há muitos anos, quando foram estabelecidos, desde, é claro, que o povo de Deus se curve à autoridade das Escrituras e permita que o Senhor tenha o Seu lugar de direito como Cabeça da Igreja, que é o Seu corpo. Assim sendo, nas igrejas onde os princípios bíblicos de reunião são seguidos, os crentes que são acrescentados à assembleia local têm liberdade para desenvolver o seu dom, e também crescer na graça e no conhecimento do seu Senhor e Salvador, Jesus Cristo. O ministério de um só homem tende a asfixiar este desenvolvimento dos dons, acentuando o sectarismo e as práticas antibíblicas. Um amigo meu teve uma conversa com um ensinador muito conhecido entre as denominações. Durante a mesma, ele perguntou-lhe porque razão o jovem cristão, numa assembleia que vive os princípios bíblicos de reunião, normalmente pode dar uma boa definição bíblica e fazer uma exposição razoavelmente clara das grandes doutrinas da Bíblia, e o jovem cristão comum das denominações não. O valioso ensinador, que entretanto partiu para estar com Cristo, embora concordando com o facto da observação, não conseguiu apresentar nenhuma explicação para o mesmo. O meu amigo, é claro, mostrou que a explicação era que aqueles que se encontravam alinhados com as Escrituras eram capazes de funcionar conforme o padrão bíblico, tendo assim sido criada uma atmosfera bíblica que tornava possível o reconhecimento, exercício e o desenvolvimento das capacidades dadas por Deus.

Numa outra ocasião, em Joanesburgo, na África do Sul, um clérigo idoso, Cristão verdadeiro, veio à Ceia do Senhor e, é claro, foi recebido como crente. Depois do partir do pão e da passagem do cálice, ele levantou-se e, entre outras coisas, disse: “Irmãos, valorizem a liberdade que têm em se reunir assim, e que ninguém vos submeta à escravidão eclesiástica”. Pessoalmente, quanto mais leio e estudo a Bíblia, quanto mais tempo permaneço associado a estes irmãos que assim pensam e agem; e quanto mais eu vejo as denominações e encontro os que estão ligados a elas, mais claro vejo quão bíblica é a posição dos que se reúnem simplesmente como crentes apenas, agradecendo a Deus por Ele, na Sua graça, me ter conduzido a eles .

Enquanto grupo de crentes admitimos sem reserva alguma termos falhado em muitos aspetos, e lamentamos as manifestações frequentes da carne entre nós, algo que entristece o Espírito Santo e traz vergonha ao testemunho do nosso Senhor. Temos que confessar a nossa falta de amor muitas vezes para com aqueles dos nossos irmãos que não têm visto as verdades bíblicas exatamente como nós; mas apesar de todos os fracassos, estes irmãos entre os quais nos encontramos, colocam humildemente em prática estes princípios bíblicos de reunião que se encontram na segura e certa Palavra de Deus. Por causa disso, eu não quero estar em outro lugar, senão entre os que se reúnem apenas no nome suficiente do Senhor Jesus Cristo, e que aceitam a Palavra de Deus como sua única autoridade para a sua fé e prática.

## CONCLUSÃO

As oito razões precedentes para eu me reunir com os que abraçam os princípios bíblicos de reunião são realmente um privilégio: mas um privilégio acarreta sempre responsabilidade. Uma vez que estes princípios de reunião são bíblicos, cabe a cada Cristão agir à luz deles diante do Senhor, e eu sugiro que cada crente preste atenção séria e concentrada ao que se segue.

**Primeiro.** Que todo o crente genuíno, que é são no seu viver e doutrina, e que percebe, pelas Escrituras, o caráter antibíblico do denominacionalismo e de tudo o que este envolve, não descanse até que ele, ou ela, se reúna com os que defendem e praticam estes princípios bíblicos de reunião. Que se lembre que a questão não é unir-se aos seus irmãos. Se está salvo, já foi unido pelo Espírito de Deus a todos os irmãos em Cristo. Trata-se simplesmente de se associar com os que veem e agem em conformidade com a verdade do um só corpo do qual Cristo é a Cabeça. A pessoa que realmente capta esta verdade nunca descansará enquanto não abandonar alegremente tudo aquilo que, na prática, nega a Cristo o lugar de preeminência que Ele deve ter na assembleia, e nega ao Espírito de Deus a liberdade de ministrar na mesma através de quem Ele quer. A assembleia bíblica de crentes, a quem esta pessoa fizer conhecer a sua decisão, de bom grado recebê-lo(a)-á, estendo-lhe “as destros, em comunhão”.

**Segundo.** Significará que aquele que vê deste modo o lugar que deve ocupar certamente desejará apoiar a assembleia com a sua presença em todas as reuniões sempre que possível. Ele esforçar-se-á diligentemente para cooperar com os seus irmãos na assembleia. E com o seu apoio incondicional e os seus esforços, ele procurará encorajar, fortalecer e edificar o grupo de crentes com quem ele se reúne.

Há uma notável falta de cooperação por parte de alguns crentes. Eles imaginam que a sua responsabilidade para com uma assembleia termina com a presença deles na reunião da Ceia do Senhor ao domingo. É necessário enfatizar que a reunião de oração, o estudo bíblico, a reunião de evangelização e as reuniões especiais são exatamente tão reuniões de assembleia para os propósitos mencionados, como a festa do memorial da Ceia. Como é que uma assembleia se pode desenvolver, se a reunião de oração for negligenciada? Como poderá ser edificada se um mero punhado de crentes assiste ao estudo bíblico? O que pensarão os incrédulos, se apenas alguns crentes se reunirem para apoiar, com a sua presença e orações,

aquele que tem a responsabilidade de pregar a mensagem do Evangelho? Só uma desculpa que possa resistir à luz do Tribunal de Cristo faz sentido ser invocada para se faltar a tais reuniões; contudo, trivialidades são muitas vezes apresentadas como desculpas por aqueles, cuja falta de coração, ou ignorância destes princípios, faz com que se ausentem destas reuniões.

Um homem cristão que eu conheço costumava dizer assim: "Que tipo de assembleia seria esta, se todos nela fossem exatamente como eu?"

Haveria uma reunião de oração? Haveria um estudo bíblico? Haveria uma reunião de pregação do Evangelho? Uma assembleia é formada por um *conjunto* de crentes, e o tom espiritual da assembleia é determinado pela espiritualidade, ou falta dela, de *cada indivíduo* que a compõe. Quando uma pessoa evita a reunião de oração, é um sinal seguro de que ela precisa dessa reunião, mais do que qualquer outra coisa. Muitos crentes desencorajados têm sido tentados a ficar em casa em noite de reunião de oração devido a estarem cansados mental e fisicamente; porém, ao irem, descobrem quão verdadeira é a promessa: "Os que esperam no Senhor renovarão as suas forças." Não há dúvida de que a palavra exata de consolo ou repreensão de que tanto necessitamos aguarda por nós no estudo bíblico, mas temos de estar presentes para a receber, ou ela não nos servirá de proveito algum.

Se eu tivesse que destacar uma coisa acima de outras aos jovens crentes nas assembleias, seria o seguinte: sede leais à assembleia à qual pertenceis. Sede ativos e não passivos. Não visitem aqui e ali na noite que têm reunião, nem se envolvam tanto no trabalho cristão fora da assembleia se não têm tempo para estar presentes nas vossas reuniões regulares e cumprir as vossas obrigações nas mesmas. A concentração é algo esplêndido. Eu conheço uma assembleia que está a morrer porque os que a compõem não assumem nenhuma responsabilidade. Eles devotaram as suas energias neste trabalho, mas esse esforço, em muitos casos, sob auspícios denominacionais, opuseram-se aos próprios princípios bíblicos que eles professavam defender.

Se a assembleia à qual está ligado é bíblica na sua formação, *apoie-a por todos os meios e com todas as forças ao seu dispor*, e concentre as suas energias na edificação daquilo que está de acordo com o padrão revelado na Palavra de Deus. Trata-se de *concentração* ou de *dissipação* de energia. Não evolua tornando-se um "providor de sermões", nem se torne "inconstante" ou em "caçador de emoções", seguindo este ou aquele homem, negligenciando as suas próprias responsabilidades na sua assembleia. Conta-se a história de um homem que viu um menino prestes a afogar um cachorro. Ao lhe ser perguntado porque ele ia afogar o cachorro, o menino respondeu: "Bem, é assim. Este cachorro segue todo mundo, e um cachorro que segue todo mundo não é bom para ninguém!" A moral é óbvia.

**Terceiro.** O Cristão que procura reunir-se de acordo com estes princípios bíblicos precisará de ter um grande coração para todos os filhos de Deus, seja qual for o nome com que eles se denominem. Ele terá que continuamente distinguir entre personalidades e princípios. Ele não pode, em lealdade à Palavra de Deus, ter qualquer comunhão com o sistema, ou seita, a que este ou aquele Cristão esteja ligado; mas ele deve mostrar a esse crente, como indivíduo, todo o amor e cuidado que lhe é devido como um dos seus irmãos. É tristemente possível que alguém que professa ter conhecido esses princípios bíblicos, se torne muito setário no coração. Lembremo-nos de que todos os que "pertencem a Cristo" são queridos para o Seu coração, estão na Igreja que é o Seu corpo e, como tais, devem ser objetos do nosso amor. "... *todos conhecerão que sois Meus discípulos, se vos amardes uns aos outros*", disse o nosso Senhor e Mestre. (João 13:35).

Qualquer cristão verdadeiro, que seja são no seu andar e nos fundamentos da Palavra de Deus, deve ser *recebido com alegria* na Ceia do Senhor, em nenhuma outra condição que não seja a de que "ele pertence a Cristo". Impor quaisquer outras condições de receção a uma assembleia é *formar uma seita*, com todos os

males que a acompanham. Há que seguir o ensino das Escrituras fazendo as reuniões sob a liderança de Cristo e na unidade do Seu corpo, para que não seja uma seita. Qualquer assembleia que *conscientemente* recuse a um crente, que é são no seu viver e na doutrina, a ceia do Senhor, torna-se, por esse mesmo ato, uma seita, por mais tenazmente que aqueles que a compõem possam negar o facto. Tenhamos cuidado com o sectarismo sob qualquer forma! Que malefício - e pior - tem sido causado por esta atitude estreita e intolerante adotada para com o povo de Deus! Se eles pertencem a Cristo, e andam como um crente deve andar, consideremos um enorme privilégio recebê-lo, e assim guardaremos "a unidade do Espírito pelo vínculo da paz" (Efésios 4:3). Toda a presunção é detestável, mas a presunção religiosa é a mais repugnante de todas. Que o Senhor nos dê a entender o quão odioso é tal coisa para Ele, "*que amou a Igreja e se entregou a Si mesmo por ela!*" Um bem conhecido ensinador da Palavra de Deus certa vez escreveu: "Se eu falhar em prover uma grande dose de comunhão a todos os filhos de Deus conhecidos, deixo de merecer viver." (JND)

**Quarto.** O crente que se reúne alinhado com as Escrituras deve estudar a sua Bíblia de modo a ser capaz de ajudar outros Cristãos, que não estão semelhantemente esclarecidos quanto à forma correta de como se devem reunir. Ninguém tem necessidade de pedir desculpas por se reunir corretamente. Visto que é de Deus, e de acordo com a Sua Palavra, *afirmemo-lo corajosamente*, e procuremos livrar os nossos companheiros crentes dos males do sectarismo, com o seu clero ordenado e toda a confusão que o acompanha. Muito boa literatura tem sido publicada sobre este assunto por ensinadores capazes, de modo que não há desculpa para não se saber a certeza das coisas que defendemos. Ainda que não reivindicemos perfeição, mantenhamos corajosamente os princípios bíblicos que defendemos e praticamos.

Um conhecido ensinador denominacional certa vez confidenciou-me: "Eu estarei entre vós, quando os vossos irmãos cessarem as suas brigas". Na altura em que ele disse isso, a sua própria denominação estava no meio de uma amarga batalha sobre a questão de quem deveria governar a sua vida eclesiástica; os modernistas ou os fundamentalistas! Aparentemente essa briga não entrou nos seus pensamentos, ou fez com que ele deixasse a sua denominação! Como irmãos, temos diferenças de opinião, mas, graças a Deus, estas não estão acima das *verdades fundamentais*, como a inspiração da Palavra de Deus, ou a Deidade de Cristo, etc. Nós não temos que discutir sobre o salário do pastor ser aumentado ou rebaixado, ou se um pregador modernista poderá falar no nosso púlpito ou não, ou como nos livraremos de um "ministro" não salvo. Todas as nossas diferenças podem ser resolvidas submetendo-as às Escrituras, e manifestando o amor, tolerância e humildade que a Palavra de Deus impõe a todos os irmãos. Prestemos atenção à injunção de Paulo a Timóteo: "... o que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, *confia-o a homens fiéis*, que sejam idóneos para também *ensinarem os outros*" (2 Tim. 2:2).

Que assim possamos estudar e obedecer à Palavra de Deus, que cada um de nós seja encontrado no lugar onde Ele deseja que estejamos, reunindo-nos somente em Seu nome, com aqueles que são irmãos; que possuamos a Sua palavra como autoridade única; e que permitamos ao Espírito Santo ter a liberdade de ministrar por meio de quem Ele quiser, para a glória de Deus e para a edificação da Igreja, que é o Seu corpo!

Tradução e adaptação de  
Carlos M. F. de Oliveira

# Biografia



Alfred P. Gibbs nasceu em Birmingham, Inglaterra em 1890 e foi criado em Joanesburgo, na África do Sul. Ele foi conduzido ao conhecimento de Cristo como seu Salvador pelo seu irmão gêmeo, Edwin. Durante a Primeira Guerra Mundial, Gibbs serviu como capelão militar, pregando aos soldados em campos de treinamento. Em 1919, ele partiu para Chicago, Illinois, EUA, onde se envolveu numa missão de resgate conduzida pela assembleia local. Ele teve um ministério de ensino da Bíblia e escrita itinerante, principalmente nos Estados Unidos e Canadá. Gibbs trabalhou ao lado de Harold Harper, T.B. Gilbert, James G. Humphrey e outros homens que se tornaram bem conhecidos no ministério nas assembleias. Gibbs tornou-se amigo íntimo de George Landis, que naquele tempo pastoreava uma pequena igreja denominacional.

Alfred P. Gibbs nunca se casou, considerando-se um eunuco para o reino de Deus. Como J. N. Darby, ele morava numa pequena mala de viagem. A maioria dos seus escritos foram dedicados ao ensino de jovens crentes. Ele serviu parte do seu tempo, durante muitos anos, com a então Escola Bíblica de Emaús. Em 1931 ele publicou um livro de cânticos com música e palavras da sua própria autoria. Ele também contribuiu com vários hinos para “*Choice Hymns Of The Faith*” (“Hinos Escolhidos da Fé”), e “*Hymns of Worship and Remembrance*” (“Hinos de Adoração e Memória”). Um dos seus hinos mais memoráveis foi “*A Thousand Thousand Thanksgivings*” (“Mil, Mil Ações de Graças”) e também “*Sweet Is The Story*” (“Doce é a História”).

Embora um fervoroso pregador do Evangelho, ele era mais conhecido pelo seu trabalho com crianças. Gibbs foi chamado ao lar da glória através de um acidente de automóvel em 1967. Após o acidente, uma edição inteira de *Letters Of Interest* (Carta de Interesse) foi dedicada a ele. Reminiscências dele foram escritas por vários irmãos conhecidos, incluindo o seu irmão Edwin, Bill McCartney, Elliot Van Ryn, T.B. Gilbert, Lester Wilson, William MacDonald e Lloyd Walterick. A. P. Gibbs será lembrado como um grande pregador do Evangelho e um amigo amoroso de todas as crianças que ele conheceu em toda a sua vida.

O primeiro livro que Gibbs publicou foi *The Marvelous City of Mansoul* (A Maravilhosa Cidade da Alma Humana) em 1926. Ao todo ele escreveu 14 livros e livretos, dos quais destacamos e recomendamos:

1. *The Lord's Supper* (A Ceia do Senhor) 2. *The Preacher and His Preaching* (O Pregador e a Sua Pregação) 3. *Scriptural Principles of Gathering* (Princípios Bíblicos de Reunião) 4. *Worship, The Christian's Highest Occupation* (Adoração, A Mais Elevada Ocupação Cristã)

Todos os seus livros têm intensidade, como o homem que os escreveu.

Alfred P. Gibbs era um modelo nos conselhos que dava, um homem espiritual, um homem prático e além do mais divertido, com quem era agradável de estar. Para Gibbs, expor a Palavra da vida foi uma paixão de toda uma vida.